



GT 06. Antropologia da Economia

Coordenador(es):

Arlei Sander Damo (UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul)

Gustavo Gomes Onto (UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro)

Sessão 1

Debatedor/a: Lúcia Helena Alves Müller (PUCRS - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul)

Desde o nascimento da nossa disciplina os intercâmbios de objetos e riquezas, mediados ou não pelo dinheiro, as formas de valoração e de provimento das condições materiais de continuidade da vida foram objeto de descrição e interpretação a partir dos modos de vida dos “outros”. As teorias econômicas já tinham grande importância nas sociedades a partir das quais surgiu a antropologia e, nas últimas décadas, se tornaram uma verdadeira linguagem global. A importância dos especialistas, sejam acadêmicos ou gestores governamentais, nunca foi tão grande, tendo esses um papel preeminente no desenho de políticas de larga escala. Economia, portanto, concerne a uma multiplicidade de objetos, temas e possibilidades de abordagem que implicam, sempre, o questionamento sobre a própria definição sobre o que seja “a economia” ou que caracterize algo – prática, teoria – como “econômico”. A Antropologia da Economia vem ganhando novo fôlego no país, com a organização de diversos eventos e publicações acadêmicos voltados a essa área de estudos. O objetivo do GT é propiciar um espaço dedicado a colocar em diálogo trabalhos que possibilitem explorar a multiplicidade de sentidos da economia, as diversas escalas de observação que ela permite e provoca e as ambiguidades e misturas que colocam em questão as fronteiras e limites do econômico, como a relação com as práticas familiares, a intimidade, a religião, o consumo, a dívida, as moralidades, o Estado e assim por diante.

Rolos, esquemas e negócios: uma análise da prática de agiotagem nas periferias de São Paulo

Autoria: Fernanda de Gobbi (UFF - Universidade Federal Fluminense)

Este work trata-se dos resultados de uma pesquisa etnográfica acerca da prática de agiotagem em São Paulo. A análise da circulação de dinheiro acontece em duas regiões da capital paulista: uma favela da zona oeste e um bairro da periferia da zona leste. À luz do debate contemporâneo a respeito dos usos sociais do dinheiro, a pesquisa recompõe o impacto da prática de agiotagem no cotidiano da economia doméstica de quem vende e de quem compra dinheiro. A investigação do significado do dinheiro enuncia a fronteira entre o “dinheiro sujo” e o “dinheiro limpo” na medida em que é constituída a moralidade dos mercados. Os agentes conectados com o sistema de empréstimos apresentam uma lógica que forma a rede de clientes e configura um quadro complexo de redes sociais nas periferias. A análise da prática de agiotagem, enquanto “negócio”, apreende a filosofia do dinheiro a partir das trocas, e demonstra a passagem de uma economia em que o dinheiro é mercadoria para uma economia em que o dinheiro também representa moralidade. Diante do investimento empírico desta pesquisa e a partir da análise das anotações e dos cadernos dos agiotas, a racionalização das contas exprime as formas ordinárias de cálculo. Em um primeiro momento, o dinheiro é instrumento para “ganhar a vida” nos “rolos” e “esquemas”; em seguida, o dinheiro também adquire importância para um mecanismo externo à economia doméstica e transfigura-se em objeto de organização e articulação para sustentar um “negócio” a agiotagem.

[Trabalho completo](#)



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: